

**DECRETO N.º 3948, DE 27 DE OUTUBRO DE 1971**

Dá denominação à vias públicas da cidade de Campinas:

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CACIQUE PIQUEROBI — a rua 2 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 3 do mesmo loteamento.

II — CAMPOS DE PIRATININGA — a rua 3 da Vila Ypê, com início na rua 2 e término na Vila Hípica.

III — CACIQUE CAIUBI — a rua 4 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na rua 2 do mesmo loteamento.

IV — BARTIRA — a rua 5 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 4 do mesmo loteamento.

V — MECIAÇU — a rua 6 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na Vila Hípica.

VI — PARAGUAÇU — a rua 7 da Vila Ypê, com início na rua 6 e término na rua 1 do mesmo loteamento.

VII — PERI — a rua 8 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 do mesmo loteamento.

VIII — CECI — as ruas a serem unificadas: a rua 20 do Jardim das Oliveiras — 3.ª parte — com início na rua José P. dos Santos e término na rua Agnaldo Macedo; rua 10 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 da Vila Ypê.

IX — CACIQUE TIBIRIÇA — a rua 17 do Jardim Eulina, com início na rua 8 e término na rua 9 do mesmo loteamento.

"O QUE PIQUEROBY NÃO SOUBE VER..."

"Piqueroby deteve-se na orla da praia e à chegada dos homens que vinham de longe, resoluto, internou-se para sempre no seio da terra-mãe, que ele somente compreendia desconhecida e selvática, como ele proprio... Tibiriçá, ao contrário, estendeu a mão aos descobridores e com eles trabalhou no fundamento de uma pátria nova, num mundo novo. Piqueroby, simbolo de uma nação que findava; Tibiriçá, simbolo de um Brasil que surgia. Entre um e outro, a figura pálida e serena de Anchieta, simbolo de um instante de esperança, de gloria e de fé, a estreitar, na sucessão infinita dos séculos, o ocaso esplendido de uma raça e a aurora magnífica de um povo... Tibiriçá teve olhos que viram a luz estonteante do dealbar longinquo; Piqueroby fechou os olhos e nada viu. Algum dia, porém, a visão do nativista heróico voltará e deslumbrado verá, por fim, aquilo que Tibiriçá e sua gente, vários séculos atrás, pelos olhos crentes de Anchieta, souberam vislumbrar, na tela azul do infinito: a Pátria que aí está, grandiosa e bela."

(Extraído da legenda de uma gravura de capa-inteira, de "A Gazeta Magazine", nº 53, de 25-janeiro-1942, de propriedade do "A Gazeta", editada em São Paulo, com sede à Rua Conceição, 88, tendo como readtores: M. de Arco e Flexa e J.B. de Sousa Filho.)





"Capítulo II

"A Origem do Povo Paulista

"Tem sido muito debatida, e até hoje depende de uma solução positiva, a origem dos primitivos habitantes do mundo descoberto por Colombo.

Deixando portanto aos eruditos questão tão complexa, vamos estudar apenas as raças indígenas conhecidas em nosso território quando chegou Martim Afonso de Souza em São Vicente.

Três nações indígenas tinham aí a sua origem, ou pelo menos aí foram encontradas, embora viessem de outras regiões. Essas nações eram: a dos Guaianases, a dos Tupis e a dos Carijós.

A primeira habitava a parte austral do país, confinando ao oriente com os Tamoios; a segunda demorava no território compreendido entre o rio Itanhaen e o de Cananéia, apossando-se de quarenta léguas de costa e visinhando com os Carijós; a terceira foi encontrada entre o rio Cananéia e o dos Patos, seis léguas ao sul da ponta de Itapacoroy e ocupava setenta léguas de costa, mais 20 que os Tamoios que ocupavam cinquenta, ao todo 126 léguas de costa, não contando as de que se apossaram no interior, tanto ou quanto lhes permitiam as tribos limitrofes com que visinhavam.

Os usos e costumes de todas essas nações eram idênticos, embora diferentes seus dialetos e origens.

Havia outra, a dos Maramomis, habitando a margem esquerda do Bertioga e a Ururay, que demorava em um dos recantos dos campos de Piratininga, tendo por chefe o cacique Piquereboy.

Desta tribo fundou-se a aldeia de S. Miguel.

Tinham civilização e costumes brandos.

Tibirigã deu sua filha por esposa a João Ramalho, navegador português, e Piquereboy a sua a Antonio Rodrigues, companheiro daquele.

(Extraído de fls. 22 a 25 de "A Historia de São Paulo Ensinada pela Biografia" de Tancredo do Amaral, editada por Alves e Cia., Editores, edição de 1895).

Por informações que lhe foram ministradas por João Ramalho e Antonio Rodrigues, sôbre o melhor lugar para ser assentada uma povoação, escolheu Martim Afonso de Souza a ilha de Induá-Guasú uma colina à beira do rio S. Vicente, de pouca altura, desde a praia do Itararé ao depois de Braz Cubas, lançando-se os fundamentos da povoação, ainda hoje vila de S. Vicente.

Depois, autorizado pelo alvará de 20 de novembro de 1530, fez aos colonos distribuição de terras em São Vicente e em S. Amaro e nas do interior, então conhecidas, provendo aos colonos de utensilios de lavoura e do necessário para plantações.

Tiveram precedência em tais distribuições Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho e casado com a filha de Piqueroby, cacique da tribo Ururay localizada em Piratininga, ficando Martim Afonso com a porção do centro da ilha onde fez logo plantação de cana de Açucar, vinda da Madeira.

Seguiu depois Afonso a explorar o interior pelo caminho dos índios e em 10 de outubro de 1532 chegou aos campos de Piratininga, lugar onde residia Ramalho, e que ao depois tomou o nome de S. André da Borda do Campo e que serve hoje de assento à freguezia de S. Bernardo.

A Ramalho coube as terras dessas paragens, fundando-se depois ali uma povoação como adiante se verá.

(Extraído de fls.52 a 54 de "A Historia de São Paulo Ensinada pela Biografia" de Tancredo do Amaral, editada por Alves e Cia., Editores, edição de 1895).

